

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica indicam-se as datas em que foram divulgadas.)

77. CHARLES RIBEYROLLES E VICTOR FROND

Desde 1859, portanto há mais de cento e vinte anos, os dois nomes que tomo para epígrafe desta nota encontram-se associados na bibliografia histórica brasileira. Com efeito, naquele ano já bem longínquo, aparecia o **Brasil Pitoresco**, de Charles Ribeyrolles, ilustrado por Victor Frond, obra que se tornou das mais consideradas sobre o Brasil imperial, citada a todo instante, mas, na realidade muito mais valiosa pelas ilustrações que propriamente pelo texto.

Charles Ribeyrolles era um jornalista francês de tendências liberais, amigo de Victor Hugo e exilado na mesma ocasião que ele. Enquanto o autor de **Os Miseráveis** foi para a ilha de Guernesay, Ribeyrolles veio para o nosso País. Aqui chegando, homem culto que era, relacionou-se com figuras proeminentes da intelectualidade brasileira e com alguns jovens que em breve alcançariam a glória literária, como, entre outros, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis. No Brasil faleceu em 1861, estando sepultado em Niterói, em túmulo mandado erigir pela Municipalidade e no qual se gravou epitáfio escrito especialmente por Victor Hugo. Já de seu ilustrador pouco se sabe. Também francês, o Almanaque Laemmert de 1860 arrola-o entre os fotógrafos estabelecidos no Rio de Janeiro. Parece ter sido sócio de Sisson, famoso litógrafo seu compatriota, a quem deve a iconografia brasileira a **Galeria dos Brasileiros Ilustres**, publicada pela mesma ocasião em que o **Brasil Pitoresco**.

Se o texto de Ribeyrolles, nesta obra, é medíocre, talvez nem fazendo falta se não existisse, já o mesmo se não pode dizer das ilustrações de Victor Frond, as quais, ao contrário, constituem valioso documentário sobre a vida do Rio de Janeiro, não apenas a urbana, mas igualmente a rural, do interior fluminense: Vassouras, São Fidélis, Valença, Paraíba do Sul, Campos etc. Parece que era intenção dos autores completar a obra com um volume sobre a Bahia e Pernambuco, mas tal não se realizou.

A primeira edição do **Brasil Pitoresco** (bilíngüe) foi muito mal impressa, inçada de erros, tanto no original como na tradução. Oitenta anos ficou a obra nessa edição “príncipe”, pois só em 1941 se promoveu nova tradução, a cargo de Gastão Penalva e com prefácio de Afonso de Taunay, publicada pela Livraria Martins Editora na preciosa “Biblioteca Histórica Brasileira”, dirigida por Rubens Borba de Moraes. E agora, quarenta anos depois, chega-nos nova edição, desta vez pela Itatiaia, de Belo Horizonte (em convênio com a Universidade de São Paulo), integrando a coleção “Reconquista do Brasil” (nova série, vols. 29 e 30) e reproduzindo integralmente a edição Martins, de 1941. Assim, está de novo a dupla Ribeyrolles-Victor Frond ao alcance dos estudiosos de nosso passado. (6/10/1982.)

*

78. UM PASTOR METODISTA

A biografia de um pastor evangélico, ainda mais escrita por seu filho (também pastor), poderia parecer à primeira vista, e aos leitores menos avisados, de interesse muito restrito, apreciável apenas por aqueles diretamente ligados ao biógrafo ou ao biografado, ou que comungue dos mesmos ideais religiosos que animaram a ambos, um no passado, outro no presente, na exaltação das verdades em que acreditavam e da fé que os condicionava. Quem se tomasse de tal preconceito e assim deixasse de ler o livro que o Rev. Messias do Amaral Santos consagrou a seu pai, Messias Cesário dos Santos, pioneiro e arauto do metodismo em muitas regiões do Rio de Janeiro, desconheceria uma obra de alto significado espiritual e moral, com experiências válidas para todos aqueles que crêem na sublimidade do espírito, independentemente de suas convicções religiosas.

É a lição que nos dá **O Cavaleiro do Evangelho**, edição do autor, publicada no Rio de Janeiro no corrente ano, com prefácio do Bispo Almir dos Santos. O título é expressivo. O pastor foi realmente um cavaleiro, não só no sentido comum do termo, mas igualmente no sentido de verdadeiro paladino, defensor intemerato da causa que abraçou e dos propósitos pelos quais sempre soube lutar. É claro — como, aliás, não poderia deixar de ser — que o livro, pela sua própria natureza, e em alguns momentos, desce a pormenores que podem não dizer muito aos não familiarizados com a problemática metodista.

O que importa é que um livro de experiências feito. Aliás, o Metodismo já é, por si, uma grande escola de experiências. Não foi, por acaso, da experiência de Aldersgate que ele praticamente nasceu? E toda a vida de Wesley, que foi se não experiências? Cada passo da carreira de

Messias Cesário dos Santos é uma lição: as muitas igrejas que pastoreou (ah ! a itinerância metodista...), a assistência que prestou aos favelados e aos detentos da penitenciária de Niterói (onde uma significativa placa recorda sua atuação), sua presença do Instituto Central do Povo (talvez a mais wesleyana de todas as entidades metodistas) e tantas outras participações, que seria longo enumerar.

Numa de suas mais belas orações, João Wesley fez apenas um pedido: “Senhor, livrai-me de uma vida inútil !”. Tenho impressão que era esta a prece que Messias Cesário dos Santos fazia também diariamente ao começar sua jornada. Porque útil sua vida foi até o derradeiro dia, num final sacrificado pela paralisia que o obrigou a se valer de uma cadeira de rodas, ele que foi por tantos anos o cavaleiro audaz e intemerato, numa fórmula bem bayardiana do “sans peur et sans reproche”. Significativo o moto agostiniano com que o prefaciador abre o livro. (24/11/1982.)

*

79. UM MINISTRO SUÍÇO NO BRASIL

Pertencia o Barão von Tschudi, Ministro da Confederação Helvética no Brasil em meados do século passado, a uma das mais antigas famílias de seu país. Já no século XVI encontra-se um seu antepassado, Gil Tschudi, considerado um dos maiores historiadores da Suíça. E ao longo do tempo, inúmeros outros assinalaram a estirpe, prestando relevantes serviços nas mais diversas atividades. O Tschudi que vinculou seu nome ao Brasil, inclusive a Campinas, pois aqui esteve em visita a algumas das nossas fazendas, nasceu em 1818 e teve os primeiros anos de sua vida voltados para as ciências naturais, matéria pela qual se formou no seu próprio país, completando seus estudos com o diploma de médico, obtido na Universidade de Paris.

Concluídos os estudos, empreendeu duas longas viagens à América do Sul, demorando-se na primeira cinco anos no Peru, estudando-lhe a zoologia, a etnografia, a pré-história e a lingüística. Em 1860 foi nomeado Ministro da Confederação Helvética no Brasil, com o objetivo especial de estudar os problemas da imigração suíça no Império, o que lhe deu ensejo a que visitasse demoradamente o sul de nosso país. Retornando à Europa, publicou, em 1866, o relato de suas viagens, em cinco volumes, reconhecidos como de grande valia e que se arrolam entre os melhores títulos da literatura de viagens.

Da parte relativa a São Paulo, desta grande obra, ocupou-se demoradamente Afonso de Taunay, em numerosos artigos publicados no

“Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro, e enfeixados, posteriormente, no livro **Amador Bueno e Outros Ensaio**s, edição do Museu Paulista, de 1943. Ao mesmo Afonso de Taunay devem as letras históricas de nosso País a publicação do próprio texto de Tschudi, nas partes referentes ao Rio de Janeiro e a São Paulo, em volume que integrou a “Biblioteca Histórica Paulista”, organizada pelo grande historiador para a Livraria Martins Editora, por ocasião do quarto centenário da Cidade de São Paulo. A tradução vinha assinada por Eduardo de Lima Castro e o prefácio por Afonso de Taunay, com ligeira nota biográfica do ilustre diplomata e viajante. Desta edição se fez nova tiragem em 1976. Recentemente (1980), foi a obra de Tschudi reeditada pela Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo, como volume 14 (Nova Série) da coleção “Reconquista do Brasil”. Trata-se de uma reedição fac-similar da de 1953, com uma nota assinada por J. E. F., nas orelhas das capas. Um excerto da obra de Tschudi, relativo à Fazenda Sete Quedas, do Visconde de Indaiatuba, foi utilizado para o volume **O Passado de Campinas através de Textos**, que tive oportunidade de publicar em 1974, em comemoração do bicentenário de nossa cidade. (23/6/1982.)

*

80. DIÁRIO DE PAIXÃO E DORES

Não se deixe o leitor impressionar por alguma eventual conotação romântica que o título desta nota possa sugerir. Não. O Paixão e Dores, no caso, é o nome religioso de respeitável sacerdote que foi capelão da Armada Imperial Brasileira, organizada pelo nosso primeiro Imperador para impor a independência às províncias do Norte, ainda fortemente dominadas pelos portugueses. É o movimento que se convencionou denominar de “Guerra da Independência”.

É sabido que as províncias localizadas da Bahia até o Pará custaram muito a aceitar a Independência tal como fora feita. Viram elas no movimento de 1822 uma espécie de golpe a que o Príncipe-Regente Dom Pedro teria sido pressionado por fluminenses, paulistas e mineiros, ou seja, pelos representantes e pelo povo das províncias próximas à Corte e que eram, de fato, as que começavam a influir mais poderosamente na economia do País. Esse processo de aliciamento de Dom Pedro vinha de mais de ano e culminara no chamado “Dia do Fico”, a 9 de janeiro de 1822.

Diante da reação desfavorável das províncias do Norte, decidiu-se o jovem Imperador a contratar ilustre e valoroso almirante inglês para organizar esquadra e com ela obrigar baianos, maranhenses e paraenses a aceitarem a Independência que, no Sul, já era fato consumado.

Pois bem: foi capelão dessa esquadra (chamada “Armada da Independência”), escrevendo-lhe o diário, Frei Manoel Moreira da Paixão e Dorez, de quem, aliás, pouco se sabe além do que ele próprio conta na página inicial de seu relato, isto é, que começou a servir na capelania de guerra em 1806, acompanhou Rodrigues Lobo na esquadra que combateu os pernambucanos em 1817 e pouco depois da Independência foi nomeado para a Armada Imperial, acompanhando a expedição ao Norte, cujas peripécias narrou dia a dia, com abundância de pormenores interessantes.

Os originais de seu diário pertenceram ao Embaixador Afrânio de Mello Franco e foram cedidos, por cópia, por seu filho, o ilustre historiador, ensaísta e político Afonso Arinos de Mello Franco, para que deles se fizesse a primeira publicação, o que ocorreu em 1940, no volume 60 dos **Anais da Biblioteca Nacional**. Foi o texto de Paixão e Dorez precedido, nessa publicação, de erudito prefácio e notas de Rodolfo Garcia, então diretor da grande Biblioteca do Rio de Janeiro.

Mais duas edições foram feitas do interessante diário, uma na Revista do Instituto Histórico da Bahia, em 1941, e outra, também na Bahia, em 1957, pela Livraria Progresso Editora, sendo esta a única em volume avulso. Ambas reproduzem a edição da Biblioteca Nacional, mas inexplicavelmente (na edição Progresso) suprimiu-se o parágrafo inicial do prefácio de Rodolfo Garcia no qual se informa que o original do diário pertenceu a Afrânio de Mello Franco e fora cedido por Afonso Arinos para a primeira publicação dos **Anais da Biblioteca Nacional**. Por que esta supressão? Não só não sabemos, como nos parece inexplicável e, ainda, fora de propósito, pois omite, para os leitores, a importante contribuição de Afonso Arinos para a divulgação do valioso texto. Bibliograficamente, isto tem muito valor, mas para tal não atentaram os editores baianos.

Eis como, através deste interessante diário, Frei Paixão e Dorez vinculou seu nome à historiografia brasileira, com uma obra de natureza não muito comum em nossa bibliografia. (22-9-1982.)

*

81. REVISTA QUE ESTAVA FALTANDO

Os cursos de Letras sempre foram, nas antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, dos mais procurados, dos mais dinâmicos e dos que abriam aos seus estudantes, melhores e mais amplas perspectivas para o trabalho intelectual. Tive o privilégio de, por algum tempo, lecionar Histórica num desses cursos e em duas ou três oportunidades neles ministrei cursos de extensão universitária e a experiência que desse trabalho obtive foi sempre das mais animadoras. Com o demembramento das antigas Faculdades de Filosofia, em muitas universidades vieram a

constituir-se em unidades autônomas, como é precisamente o caso de nossa Universidade Católica. A autonomia desses antigos cursos de Letras deveria necessariamente conduzir a uma dinamização ainda maior de todos eles.

Escrevo isto a propósito de **Letras**, a nova revista que vem de ser publicada pelo Instituto de Letras da PUCCAMP, marco significativo que assinalará para sempre o ano de 1982, como, pertinentemente, lembrou o reitor Heitor Regina na apresentação do volume. Isto significa não apenas mais uma revista de nossa Universidade (que vem, assim, juntar-se às outras três já existentes), mas uma nova publicação a marcar a presença de Campinas na bibliografia cultural do Brasil.

Modestamente, seu coordenador, Professor Antônio Paulo Carozzo, espera que a nova revista “cresça em tamanho e qualidade a cada novo número, até adquirir a estatura que a faça transpassar os portões da Universidade, da cidade de Campinas e, quem sabe um dia, do País, representando assim mais uma conquista brasileira no campo das letras”. Não, meu caro Professor Carozzo, para que tal aconteça não é preciso que ela cresça em tamanho nem em qualidade. Seu tamanho é o ideal, sua qualidade reflete-se na magnífica colaboração que apresenta. Basta que ela conserve este nível, e isto não será difícil, dado o “staff” magnífico do Instituto que a edita.

Num dos pontos onde o Professor Carozzo parece lastimar, vejo o maior mérito da revista: seu número inaugural, apressa-se em justificar o ilustre professor, contém apenas a “prata da casa”. (Para que o “apenas”, Professor Carozzo ?). Uma revista que se apresenta com mais de cem páginas, com artigos de alto nível e contando “apenas” com a prata da casa, diz melhor que qualquer outro argumento do valor dos que integram o Instituto de Letras. Neste ponto, tenho inveja dos meus colegas, pois a revista que edito na mesma Universidade há mais de doze anos, até hoje não pôde contar com a “prata da casa”, salvo pouquíssimas exceções. Dependesse a **Notícia Bibliográfica e Histórica** da “prata da casa”, talvez nem o primeiro número tivesse saído... A revista **Letras** ainda me propiciará outro comentário. (19-1-1983.)

*

82. DA SIGNIFICAÇÃO DE LETRAS

O estímulo que representa uma publicação universitária, especialmente àqueles que trabalham nas diversas áreas da pós-graduação (tanto professores como alunos) e que se sentem na obrigação de elaborar trabalhos em função da própria carreira (mas quase sempre sem ter onde publicá-los...), não deve ter passado despercebido aos criadores da nova revista **Letras**, da qual já me ocupei em nota anterior. É a “prata da casa”,

a que se referia, na apresentação, o responsável pela publicação. Felizes as casas que podem contar com tais “pratas”. Ainda que a revista não saísse do âmbito da Universidade, desempenharia grande papel e sanearia sensível lacuna. O valor de uma Universidade mede-se, muito mais, pelas suas publicações que por suas aulas. Estas ficam nas quatro paredes em que são ministradas; aquelas levam para bem longe o renome da Instituição. E tanto este é o desejo, que se a revista se propõe a abrir suas páginas a todos os estudiosos de letras (alunos e professores), a fim de que, delas, eles se possam servir “não apenas para ver publicados os seus trabalhos e os resultados de suas pesquisas, mas também — principalmente — para unir suas forças às nossas na busca honesta e desinteressada de um objetivo mais alto: o de promover, como já o têm feito outras publicações congêneres nas respectivas áreas, uma ampliação do conhecimento nas áreas de lingüística e literatura, mostrar e demonstrar a quantos leitores houver, o verdadeiro valor e a importância das letras, já um tanto relegadas a uma posição de menor importância, que na verdade não merece, diante da turbulência de nossa era, tão marcadamente tecnológica e materialista, tão preocupada com o alimento do corpo e não do espírito”. Em suma, o apelo às “pratas de outras casas”, que não tardarão a chegar.

Conscientizou-se, finalmente, nossa Universidade do interesse das revistas especializadas, se não por matérias, pelo menos por áreas. Apenas no início de uma entidade universitária se pode admitir o tipo de revista mista, como nossa própria Universidade Católica manteve durante muitos anos. Felizmente desapareceu. Revistas desta natureza representam desperdício. Ninguém as guarda. O leitor simplesmente arranca os artigos de sua área e que mais de perto lhe interessam, e joga fora o resto. E quando nada encontra de sua área ou interesse, vai toda ela para a cesta... Sei que, no início, não há fugir a esta modalidade, como a própria PUCCAMP o exemplifica. Mas, felizmente, a Universidade superou essa fase. Que outras revistas da natureza de **Letras** possam surgir, pois quantas áreas existem dentro da Instituição, nas quais também se elaboram trabalhos de pesquisa e onde seus professores sentem igual necessidade de publicar! Enquanto isto não ocorre, longa vida e a mais ampla difusão a **Letras**, cumprindo, assim, seu papel de mais um veículo da cultura campineira. (26-1-1983.)